



O dia 22 de maio de 2006 foi um dia de muita chuva e tristeza no Rio de Janeiro. Morreu Obassy, em sua casa na Cidade de Deus. Yalorixá, compositora da Escola de Samba Mocidade Unida de Jacarepaguá, poetisa e presidente de honra do grupo de teatro Amor Raiz da Liberdade, Obassy seguiu sua jornada de axé. Parceira de Criola

desde a fundação do grupo em 1992, sempre apoiou iniciativas de mulheres negras e jovens, não apenas em seu bairro, mas por toda cidade. Lutadora pela defesa da tradição dos Orixás, pertencia ao núcleo das Iyàs Agbá - Rede de Articulação de Mulheres Negras frente à Violência contra a Mulher, em parceria com CRIOLA. Muito da vida cultural e política da Cidade de Deus contou com sua participação entusiasta, alegre, forte.

Obassy nasceu em 1937 como Celita Vieira em Minas Gerais, mas viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro e se dizia carioca. Ganhou, a partir da religião, o nome de Obassy, por ser filha de Obá, orixá que representa a força e a persistência. Em memória de sua mãe, que era da Umbanda, cuidava de seu preto velho e sua cabocla. E perpetuava e compartilhava o axé que recebeu.

Sua partida significa muita tristeza, um espaço que não será ocupado, uma perda. Mas a melhor forma de pensar nela é lembrando a fala de uma de suas filhas, na saída do cemitério, após a cerimônia de despedida. Num abraço forte e carinhoso ela nos disse: "**Sorriam.**

Ela agora está começando uma nova vida!"

AXÉ OBASSY!

Ela foi embora como um passarinho. Sem quebrar os ovos e desmanchar o ninho.

(trecho de uma cantiga de Boiadeiro)

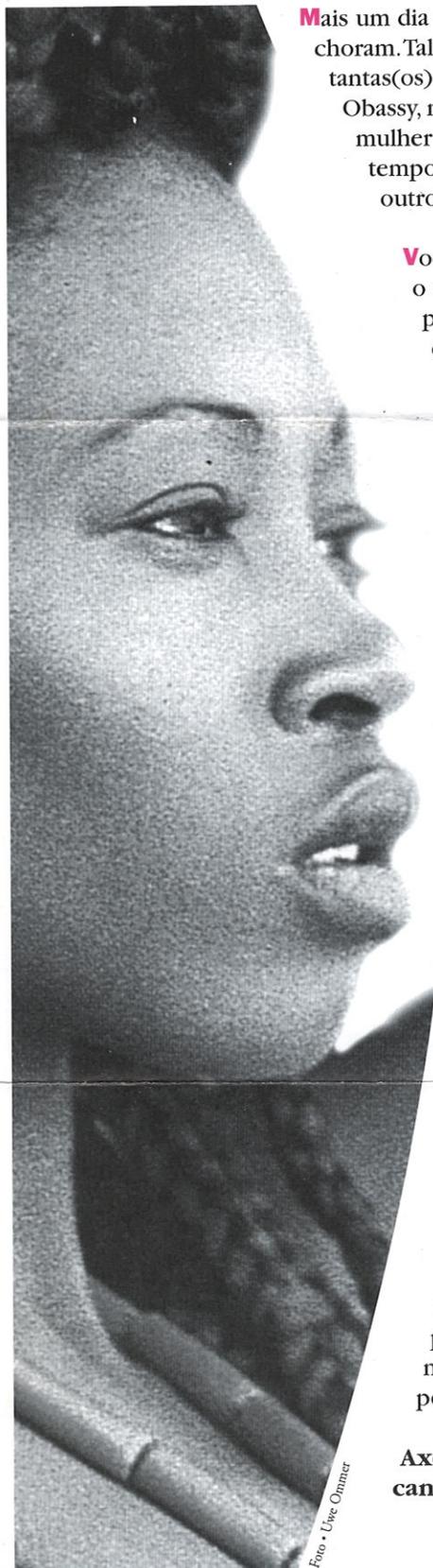


Foto - Adriana Medeiros

ARL. Mãe de SANTO

CAIU A FICHA

Rio, 24 de Maio 2006



Mais um dia triste na Cidade de Deus. Esta chuva torrencial, nos dá a certeza que os Orixás choram. Talvez o choro dos Orixás seja de alegria, por receberem em seus braços, a mãe de tantas(os) órfãs(os). Nosso choro de tristeza, não se cala. A perda de D. Celita, carinhosamente Obassy, nossa zeladora de santo, como ela gostava de ser chamada, nos pegou de surpresa, mulher guerreira, lutadora, corajosa e tantas outras qualidades que poderíamos listar, em uns tempos em que vivemos com pessoas que não são solidárias, se importam pouco com os outros...

Você Obassy, que foi além de pai e mãe para suas cinco filhas, teve a nobreza de ser o mesmo para muitas(os) de nós. Sua vinda na fundação da Cidade de Deus, sua presença na criação da Escola de Samba, sua militância no movimento negro comunitário, seus trabalhos nas escolas públicas e cieps da comunidade, sua astúcia em ter sido ecumênica quando ninguém sabia bem o que era aquilo, seu apoio a qualquer iniciativa de grupos comunitários, principalmente de mulheres e tudo que fizestes e deixastes em pendência nos dá uma frustração enorme.

Obassy, o funk chora, o hip-hop lamenta, o samba continuará eternamente de luto, e os terreiros de todas as religiões afrodescendentes ecoarão seus tambores em lamentos sem fim...

Espero que os compositores continuem a cantar seus sambas, que a rádio comunitária continue a ler seus poemas, enfim eu não posso contar aqui toda sua história (Mas em meu livro sobre as mulheres que fizeram a diferença, com certeza o seu capítulo será extenso). Sei que em vida recebestes muitas homenagens. Mas quero destacar e agradecer algumas:

Ao Comitê Comunitário em Cidade de Deus pelo Oscar no dia da Mulher. As entidades e pessoas que te elegeram no jornal O Globo entre 50 negros bem sucedidos nacionalmente e a Ong Criola que neste ano te proporcionou a participação em um evento onde reencontrastes varias(os) autoridades da religião afrodescendentes, jamais esquecerei o brilho dos seus olhos ao comentar comigo este momento.

Ao compartilhar minha dor com amigos e outras pessoas que lerão minha mensagem, o que quero é que nós tenhamos certeza e compromisso de fazermos por quem amamos enquanto vivos, que não fiquem pendências, para nos poupar sofrimentos.

Obrigada por ter ido a comemoração dos meus 50 anos, mesmo sabendo que estava enferma, subiu aquela escada e seu sorriso em nenhum momento me deixou perceber que estavas de partida, haja sabedoria, de poetiza pra poetiza.

Obrigada por poupar-me, que seu carinho por mim se estenda por toda eternidade. Finalizando, agora que estás privilegiadamente ao lado de Oxalá e todas(os) nossos pais e mães, como zelastes por mim em vida terrena, continue e faça um pedido por nós: que a nossa Cidade de Deus e o mundo voltem a ser lugares onde nossas crianças possam brincar ao ar livre e nós realizarmos nossos eventos com tranqüilidade.

Axé minha mãe... Voa meu sabiá e até um dia, quando voltaremos a compor e cantar novamente. Te amarei sempre.

Doroth de Castro

A criação e o fortalecimento de grupos comunitários de mulheres negras tem sido um compromisso de Criola desde a fundação. Contar com a liderança, a força e a capacidade de trabalho e disposição para luta de um grande número de mulheres negras por todo o estado do Rio de Janeiro, tem também enriquecido e fortalecido nosso trabalho. Trata-se de uma rede de compartilhamento de esperanças, de conhecimentos, de axé, uma forma que desde sempre as mulheres negras têm utilizado para seguir em frente e ir mais longe, para a realização de seus direitos.

E nós de Criola temos contato, no dia a dia, com uma rede de grupos comunitários que generosamente nos abriram as portas para parcerias em defesa dos direitos das mulheres negras e da população negra. Especialmente o direito à saúde das mulheres

negras e seu fortalecimento para a luta cotidiana para a melhoria das condições de vida de todas nós. E também a luta contra a violência, a pobreza a desesperança.

Com muito orgulho, temos compartilhado o caminho e o trabalho, especialmente, com 15 grupos comunitários localizados em diferentes cidades da Região Metropolitana. Sua força, sua capacidade de trabalho, de mobilização e seu axé, são uma contribuição que estas mulheres entregam, generosamente, para suas comunidades, para o Rio de Janeiro e o país.

Elas estão em diferentes bairros, diferentes cidades, diferentes comunidades. Aqui, as apresentamos (aqui organizadas segundo o bairro onde vivem e trabalham, em ordem alfabética:

TECENDO A TEIA

Na cidade de Belford Roxo

Vale do Ipê • Maria Conceição Ferreira Santana, Maria de Fátima Souza Venâncio

Na cidade de Nova Iguaçu

Miguel Couto • Beatriz Moreira Costa (Mãe Beata de Iyemonja), Ivete Moreira Costa, Sílvia Sousa. Edilene Araujo

Na cidade do Rio de Janeiro

Água Santa • Tânia Cristina dos Santos Costa (Mãe Tânia de Iyemonja), Maria Lúcia da Silva Vargas, Elizabete de Assis dos Santos, Alessandra Regina S. Silva, Maria Cristina do Nascimento e Kátia Cristina Nicolau dos Santos. Elas atuam nas comunidades de Cruz e Souza (Cabeça de Porco), Caixa D' Água,18.

Bangu • Anazir Maria de Oliveira (D. Zica), Maria José de Souza Barbosa, Rosa Maria da Silva, Ruti Maria dos Santos. Atuam nas comunidades de Vila Aliança e Nova Aliança.

Campo Grande • Sheila Santos Silva, Jocilene Silveira Barbosa, Janaína da Silva Ramos, Marivalda Alexandrino. Atuam na comunidade de Mendanha/Carobinha e Nossa Senhora das Graças.

Jacarepaguá • Celita Vieira de Abreu (Mãe Obassy, in memorian), Vera Lucia Correa da Silva (Mãe Vera), Cristiane Maria Souza de Athayde e Denise Virgília da Silva. Atuam na comunidade de Cidade de Deus.

Lins de Vasconcelos • Zoraide da Silva; Márcia Arimatéia Figueira; Adriana Nazareth, Lecilda N. Cardoso. Atuam nas comunidades da Cachoeirinha e Morro do Amor.

Vicente de Carvalho • Vânia Lúcia Santos (Mãe Vânia), Vanda Alves dos Reis e Vânia Lemos Salsa Maia.

Na cidade de São Gonçalo

Pacheco e Pita • Eurídice Francisco Coelho, Wania Eloá de Oliveira.

Na cidade de São João de Meriti

São Mateus • Maria do Nascimento (Mãe Meninazinha de Oxum); Maria Tânia L. de Jesus (Zeneide) e Nilce Maria Nascimento.

Coelho da Rocha • Regina Lúcia Fortes dos Santos (Mãe Regina Lúcia); Ana Carolina Fortes dos Santos, Maria Isabel Albina Fortes e Maria Angélica da Silva dos Santos.

Parque José Bonifácio, Sumaré, Costa Barros • Maria da Fé S. Viana (Fezinha), Regina Paula Costa, Juliana da Silva.

Venda Velha • Olívia Maria S. Lyra (Mãe Torodj), Luzia Almeida Ramos da Silva (Mãe Lú) e Célia Regina da Silva.

Venda Velha • Amélia da Silva Vieira (Mãe Amélia), Irene Delfino, Fernanda do Carmo Rocha.

Dois novas parcerias vão se integrar a este grupo, o que nos deixa contentes e otimistas:

Na cidade de Magé

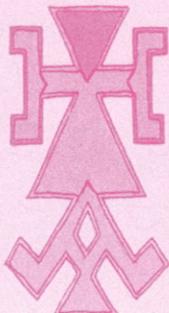
Piedade • Jorgina Maria Ferreira Nascimento, Thamara Graziela Nascimento Correa Neto, Carolina dos Santos. Atuam na comunidade do Rio Roncador.

Na cidade do Rio de Janeiro

Botafogo • Vêronica Moura da Silva, Maria Elisabeth de Souza e Rizeuda da Silva. Atuam na comunidade do Morro de Santa Marta.

Estas lideranças têm se destacado, ao longo de anos, e mesmo décadas no caso de algumas, pelo ativismo em defesa dos direitos humanos e na defesa dos interesses da população negra.

No entanto, a intensificação da pobreza, do impacto das desigualdades e do desencanto e, no campo da saúde, a vigência de uma crise no SUS em todo o estado do Rio de Janeiro e, em particular, na Região Metropolitana, tem demandado uma intensificação e aprofundamento do trabalho. Ao mesmo tempo que tem reduzido as condições materiais e, em alguns



Ainda assim, as lideranças têm desenvolvido, em parceria com Criola, ações que permitam a mobilização comunitária – especialmente nos festivais comunitários de saúde, a ação educativa cotidiana através das visitas domiciliares e das reuniões de grupos de mulheres, em torno da defesa de direitos, da promoção de saúde, particularmente no que se refere à prevenção do hiv/aids, do câncer de mama e da violência.

Estas mulheres estão comprometidas com a luta pelo desenvolvimento das políticas públicas de saúde locais, regionais e estadual, adequadas às necessidades das mulheres negras e da população. Com a aproximação e o diálogo contínuo com gestores e profissionais.

CONHECENDO ALGUNS NÚMEROS:

Toda e qualquer política pública - ou seja, as diretrizes e ações que o estado brasileiro, os governos e suas organizações devem desenvolver para garantir o bem estar e os direitos de toda a população - está baseada em diferentes tópicos. Entre eles estão a Constituição federal e as demais leis, os compromissos políticos e éticos dos governantes eleitos e dos profissionais e servidores públicos, o planejamento das ações e os objetivos de cada iniciativa, dos recursos disponíveis para o trabalho, ou seja, o orçamento. Cada aspecto destes tem por trás números. Números que informam quantas são as pessoas para quem as políticas se dirigem, número que dizem o tamanho do orçamento, números que estão nas leis dizendo o tamanho mínimo que a ação deve ter e muito mais. Poucas são as pessoas que prestam atenção a estes números. Poucas são as que foram treinadas ou informadas para entendê-los. Mas quanto mais gente souber lidar com eles, melhor será a nossa luta para que cumpram nossos direitos.

Ao longo das edições do TOQUES, iremos falar também destes números. Nesta edição falaremos de um número extremamente importante para as políticas de saúde: o orçamento.

A quantidade de dinheiro público a ser gasto com a saúde da população está definida na Constituição Federal. Lá está dito que todos os governos têm a obrigação de gastar com a saúde, no mínimo, 15% de todo o recurso disponível na cidade, 12% no estado e 15% no país.

Apesar de estar na Constituição, muitos governantes não cumprem esta lei. E como a população não tem esta informação, não pode lutar para que seja cumprida. O resultado, o caos que temos visto em tantas cidade e estados. No Rio de Janeiro não é diferente. Veja abaixo o quanto se está gastando com a saúde nas cidades que Criola e suas parceiras acompanhamos mais de perto:

Percentual de investimento municipal em saúde

Belford Roxo	Magé	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	São João de Meriti	São Gonçalo
20,6 %	Não disponível	12 %	17,7 %	4, %8	31,7 %

O Globo, 23/06/2005

É importante saber que gastar o dinheiro segundo a lei não é suficiente. É preciso verificar qual a quantidade real de dinheiro à disposição. É preciso que o dinheiro seja usado para atender as necessidades de saúde da população e não em outras áreas sem maior importância. E precisa ser gasto com competência. Ai sim poderemos ver bons resultados.

Como está o gasto com a saúde em sua cidade? É suficiente? Está sendo bem gasto? O que mais é preciso? Os números acima tiveram alguma mudança? E a saúde?

São muitas as perguntas que precisamos fazer. Nas próximas edições continuaremos conversando a respeito.

Ìyá Àgbá

As palavras vêm do iorubá, língua que veio para o Brasil com nossos ancestrais e que até hoje é utilizada por muitas comunidades religiosas de matriz africana e significa mãe-ventre (cabaça). Íyá Àgbá representa o espírito ancestral feminino que só incorporava nas reuniões das sociedades secretas femininas para o fortalecimento do poder da mulher.

É o fortalecimento do poder feminino frente às injustiças sociais e a violência que busca o projeto Íyá Àgbá.

O projeto Íyá Àgbá - Rede de Articulação de Mulheres Negras frente à Violência visa possibilitar a criação de uma rede envolvendo mulheres negras para o desenvolvimento de ações de enfrentamento de diferentes formas de violência que as afetam, em especial a violência intrafamiliar, considerando também os impactos das demais formas de violência presentes nas comunidades negras.

Localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a Rede articulará mulheres negras a partir da constituição e reforço a

núcleos de mulheres que se reúnem em torno de comunidades afro-religiosas lideradas por mulheres, nas cidades do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, São João de Meriti e Magé. Além de Criola, este trabalho é desenvolvido junto às comunidades:

- Ilê Omi Oju Aro • em Miguel Couto - Nova Iguaçu
- Ilê Axé Ya Mangele Ô • Água Santa - Rio de Janeiro
- Ilê Omi Oxalá Axé Oxum • Venda Velha - São João de Meriti
- Ilê Opó Afonjá • Coelho da Rocha - São João de Meriti
- Ilê Omulu e Oxum • São Matheus - São João de Meriti
- Ilê Ibailekô e Abassa d'Oxumare • Cidade de Deus - Rio de Janeiro
- Ilê Axé Ala Korowo • Venda Velha - São João de Meriti
- Ilê Axé Iatopé e Xangô Alafim • Venda Velha - São João de Meriti

EXPEDIENTE

- Tiragem: 5.000 exemplares - Edição e Redação: Jurema Werneck
- Colaboração: Regina de Castro - Projeto Gráfico: Luciana Costa Leite
- Apoio: AJWS - American Jewish World Service, EUA

REDEH
RUA ALVARO ALVIM Nº 21- 16º / RIO DE JANEIRO
CINELÂNDIA - CENTRO
20031-010 RJ BRASIL



CRIOLA

Av. Presidente Vargas, 482, sl. 203 • Centro • Rio de Janeiro
Brasil • CEP 20071-000 • Telefax. (21) 2518-7964 • 2518-6194
Endereço Eletrônico • criola@criola.org.br
Página • www.criola.org.br

